

***Nineteen Eighty-Four*: um diálogo entre a ficção e a contemporaneidade¹**

Nineteen Eighty-Four: a dialogue between fiction and contemporaneity

Adriano Cristovão

Escola Superior de Educação e Comunicação
Universidade do Algarve
Faro, Portugal
a15084@ualg.pt

Bruno Mendes da Silva

Escola Superior de Educação e Comunicação
Universidade do Algarve
Faro, Portugal
bsilva@ualg.pt

RESUMO

Na era em que nos aproximamos da vigilância total ficcionada por Orwell, lançamos um olhar à sociedade contemporânea em busca de sinais do mundo orwelliano retratado pelo filme. Focando a análise principalmente em torno das áreas tecnologia, vigilância e totalitarismo foi possível estabelecer alguns paralelismos, como a presença obrigatória dos *smartphones* no quotidiano contemporâneo, dispositivo análogo ao *telescreen*. O uso generalizado do *smartphone* em cada vez mais áreas da vida do indivíduo tem implicações ao nível da privacidade, as quais são exacerbadas pela concentração dos média num reduzido grupo de corporações transnacionais. O registo da atividade online, quase incontornável, alimenta uma capacidade de influenciar e manipular sem precedentes. Ao passar cada vez mais partes das nossas vidas para o meio digital afastamo-nos gradualmente dos espaços de liberdade, de livre expressão e de privacidade. As inquietações políticas e sociais de Orwell são intemporais e encontram na contemporaneidade terreno fértil para reflexão.

PALAVRAS-CHAVE

Tecnologia, Televigilância, Totalitarismo, Contemporaneidade, Controlo

ABSTRACT

In the era when we are moving closer to Orwell's fictionalized total surveillance, we take a look at contemporary western society looking for signs of the *orwellian* world portrayed by the film. Focusing the analysis mainly around the areas of technology, surveillance and totalitarianism, it was possible to establish some parallels, such as the mandatory presence of smartphones in contemporary daily life, a device

analogous to the telescreen. The widespread use of the smartphone in more and more areas of an individual's life has privacy implications, which are exacerbated by the concentration of the media in a small group of transnational corporations. The almost unavoidable data collection of online activity feeds an unprecedented capacity to influence and manipulate. As we move more and more parts of our lives to the digital environment, we gradually move away from the spaces of freedom, free expression and privacy. Orwell's political and social concerns are timeless and find fertile ground for reflection in contemporaneity.

KEYWORDS

Technology, Telesurveillance, Totalitarianism, Contemporaneity, Control

Introdução

Baseado no romance *Nineteen Eighty-four* da autoria de George Orwell, publicado pela primeira vez em 1949, o filme de mesmo nome, escrito e realizado por Michael Radford em 1984 teve lançamento comercial em outubro desse ano. George Orwell, escritor e jornalista cuja importância para a teoria política é amplamente reconhecida, particularmente pela sua análise do totalitarismo e pelo sucesso das suas obras contra ele. (Sabl, 2015) Foram as suas duas últimas obras, *Animal Farm* (1945) e *Nineteen Eighty-four* (1949) que garantiram o seu singular e duradouro estatuto enquanto uma das mais poderosas vozes de sempre da literatura mundial. (Joseph, 2000). Até então a sua escrita não alcançara popularidade ou êxito comercial.

Neste trabalho, procura-se estabelecer alguns paralelos, sobretudo a nível social e cultural, entre a sociedade ficcionada e a sociedade contemporânea, análise baseada sobretudo no filme. A história narrada pelo filme, em larga medida, permanece fiel ao que encontramos no

¹ Trabalho realizado no âmbito da Unidade Curricular de Trabalho de Projeto do curso de Ciências da Comunicação da Universidade do Algarve.

livro: secretamente Winston começa a escrever um diário, revelando a sua angústia interior e o seu descontentamento com o sistema. Envolve-se amorosamente com Julia, uma relação proibida que tem que ser mantida em segredo. Eventualmente presos, são submetidos a tortura física e psicológica. São libertados quando este processo consegue efetivamente transformar a sua rebeldia em submissão, o seu amor mútuo pelo *Big Brother*.

Com vista a estabelecer um diálogo entre o filme e a contemporaneidade foram definidos três aspetos que considerámos fundamentais na sociedade retratada, delimitando assim o objeto de estudo às seguintes áreas: Tecnologia, Vigilância e Totalitarismo.

“Big Brother Is Watching You”

Posner (1999) realça que, sendo *Nineteen Eighty-four* uma obra satírica, esta critica tendências abjetas da sociedade, oferecendo um retrato imaginativo do resultado lógico dessas tendências. “Ele mostra (não argumenta) a lógica interna de quaisquer tendências contemporâneas que o inquietam.” (Posner, 1999, p.190)

Propaganda e vigilância são dois aspetos amplamente abordados nesta história. Ambas são parte de um mecanismo de controlo social, funcionam em parceria, sendo no fundo “dois lados da mesma moeda”. Na obra escrita o leitor é inicialmente confrontado com a vigilância, não através de uma situação de vigilância de facto, mas através de propaganda sobre vigilância. (Yeo, 2010)

O universo percebido em *Nineteen Eighty-four* é de uma sociedade subjugada a um sistema profundamente repressivo, no qual o indivíduo é continuamente oprimido a todos os níveis: físico, mental e emocional. Winston, personagem principal, faz parte desse mesmo sistema, pertencendo a uma espécie de classe média para a qual a subsistência está de certa forma assegurada, ainda que em condições de muita austeridade — para além de racionados, muitos dos produtos essenciais, como a carne, o pão e o açúcar, são substituídos por sucedâneos de baixa qualidade, por exemplo.

O controlo da informação é um aspeto central da sociedade retratada. O trabalho de Winston consiste precisamente na “retificação” de jornais publicados no passado, alterando as notícias que deixavam de ser coerentes com a “verdade” oficial que entretanto havia mudado. Não se tratava aqui de uma censura “do lápis azul e da tesoura” como praticada também em Portugal pelo Estado Novo até à revolução de 25 de Abril de 1974, (Gama, 2009) a qual seria certamente da responsabilidade de outro departamento, tratava-se antes de uma adulteração do registo histórico propriamente dito.

O quotidiano, rotineiro, é marcado pela presença do *telescreen*, dispositivo que de aparência é um misto de televisor dos anos 50 com o atual ecrã plano, com imagem a preto e branco. Em virtualmente todas as cenas decorridas em ambiente urbano nas quais não está visível é possível ouvi-lo nitidamente, o que sugere a sua presença. O aspeto fundamental deste dispositivo é que também faz captação de som e imagem, tornando cada lugar onde se encontra instalado, pelo menos em potencial, num lugar sob vigilância permanente.

Do *telescreen* ao *smartphone* irá uma grande discrepância, mas é de notar que ambos são a evolução de um equipamento “monofuncional” para um equipamento multifuncional. Do telemóvel inicial pouco mais resta do que a sua função original de fazer e receber chamadas. Este “passa a ser um “teletudo”, um equipamento que é ao mesmo tempo telefone, máquina fotográfica, televisão, cinema, recetor de informações jornalísticas, difusor de e-mails (...).” (Lemos, 2005, p.6) O *telescreen*

imaginado por Orwell é um televisor que é ao mesmo tempo microfone e câmara de vigilância.

A ubiquidade de tal equipamento simboliza não só a aplicação de uma tecnologia, mas também a sua maturidade. Este aparelho em certa medida antecipa aquela que veio a ser considerada a “mais extraordinária revolução tecnológica da humanidade” (Castells & Cardoso, 2006, p.19), a Internet — ou pelo menos as suas possibilidades. Na ficção, contudo, esta assumiu uma forma distinta, já que é a sociedade que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses de quem a utiliza. (Castells & Cardoso, 2006) Os avanços tecnológicos não se repercutiram no bem-estar social, antes pelo contrário. Neste sentido, verificar que o *telescreen* é a única inovação tecnológica largamente difundida naquela sociedade, (Posner, 1999), bem como a sua limitada funcionalidade, não é de estranhar. Ao partido, o verdadeiro utilizador deste aparato tecnológico, apenas interessava o controlo, no fundo, a propaganda e a vigilância.

Funcionando como dispositivo de vigilância, o *telescreen* provoca nos indivíduos um efeito panótico permanente (Virilio, 2000), já que estão disseminados por toda a parte, estando também presentes em espaços exteriores ou até mesmo nos espaços comuns dos edifícios como patamares e elevadores. Os interregnos na transmissão são frequentemente preenchidos por uma imagem estática do *Big Brother*, de olhos bem abertos, como que a lembrar a expressão imortalizada pela obra escrita: “*Big Brother Is Watching You*”. Num dos princípios teorizados por Jeremy Bentham, a quem se deve o conceito de panótico (*panopticon*), o ponto mais importante é que as pessoas a inspecionar deverão sentir-se sempre como se estivessem de facto sob inspeção, ou pelo menos sentir uma grande probabilidade de o estar (Bentham, 1995).

A cena de abertura mostra-nos uma pequena multidão numa espécie de comício, diante de um *telescreen* gigante no qual são apresentadas imagens de cariz patriótico, acompanhadas de uma trilha sonora que poderá ser o seu hino, enaltecendo a nação, *Oceania*, e o seu povo. Seguem-se imagens de guerra, onde é apresentado o inimigo militar com recurso às expressões “*the dark murdering army of Eurasia (...) barbarians whose only honor is atrocity*”, depois o inimigo interno, *Goldstein*, suposto líder da resistência ao regime, imagens que provocam agora uma reação de repulsa e expressões de ódio que só terminam quando recomeça a tocar o hino e é apresentada a característica imagem estática do seu líder *Big Brother*. Agora a audiência reage gritando “*Big, Big, Big...*”, demonstrando adoração através de um gesto comum.

A exibição de propaganda deste género e a idolatração de um líder deixam perceber que se pode tratar de um regime ditatorial. Vários sinais o vão demonstrando ao longo do filme, assim como o testemunho de Winston. Trata-se afinal de um regime totalitário, nos moldes da Alemanha de Adolf Hitler ou da União Soviética de Estaline. O mundo descrito em *Nineteen Eighty-four* é aliás um oligopólio de três superestados totalitários — *Oceania*, *Eurasia*, e *Eastasia* (Posner, 1999). Na conceção de Hannah Arendt, o estado totalitário demarca-se dos estados fascistas por uma exigência de mobilização contínua dos seus súbditos, governar por meio do terror total, perseguir os seus opositores por meio de uma polícia secreta e impor uma ideologia fechada num postulado axiomático que não permite dissonância cognitiva (Baehr, 2010). A respeito do líder totalitário e da sua necessidade de governar pelo terror, Arendt afirma: “Uma vez que os homens têm a capacidade de pensar e de agir, ele tem de tentar impedir isso. Ele, portanto, nunca está contente com a adesão voluntária, mas, pelo contrário, não confia nisso. Quem adere voluntariamente pode mudar de ideia amanhã” (Arendt, 2011, p.234).

O totalitarismo representado no filme ilustra bem todos estes aspetos, os quais Orwell extrapolou e amplificou, conceptualizando uma

sociedade dominada por um regime capaz de impor uma vigilância total através da tecnologia.

Tecnologia e vigilância

A tecnologia, enquanto componente crucial no desenvolvimento e na organização das sociedades, faz naturalmente parte da infraestrutura sobre a qual se apoiam os sistemas de vigilância implementados pelo poder, totalitário ou não. É essencialmente sobre o progresso tecnológico das telecomunicações que assenta o futurismo que caracteriza *Nineteen Eighty-four*. Na sociedade ficcionada o *telescreen* é, no fundo, apenas um equipamento terminal, à semelhança dos ecrãs que na contemporaneidade se tornaram ubíquos, sejam eles parte de dispositivos fixos ou móveis. O *telescreen* conceptualizado por Orwell é imposto à população de forma coerciva e não pode ser desligado, funcionando como televisor de um único canal e dispositivo de televigilância.

A tecnologia por detrás do *telescreen* encontra na contemporaneidade o seu equivalente na *world wide web* (WWW), a rede que permite a comunicação virtual bidirecional em larga escala — volume de informação e número de utilizadores (Levy, 1995).

No final do século XX, a opinião de autores anti-tecnológicos como Baudrillard (1997) e Virilio (2000) era de que, devido aos avanços tecnológicos, como a ubiquidade da WWW, o mundo já não podia deixar de ser uma cópia de si próprio. A maldição do ecrã catódico ditou-nos, de acordo com a linha de pensamento, um triste fado: o real já não existe (Silva, 2010). Os acontecimentos reais desvanecem-se por detrás da informação e entram no domínio do virtual, mas estas premissas parecem partir de suposições erradas, porque, conforme refere Lévy, o virtual não pode ser visto enquanto contrário do real:²

“(…) o virtual não se opõe ao real, mas sim ao actual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objecto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a actualização.” (Lévy, 1995, p.16)

Em *Nineteen Eighty-four* o *telescreen* simboliza sobretudo o estado de vigilância. Estes dispositivos, disseminados por toda a parte, de várias dimensões, estão presentes em espaços exteriores ou até mesmo em espaços comuns dos edifícios como patamares e elevadores. No contexto urbano contemporâneo, dispositivos de vigilância são também identificáveis um pouco por toda a parte. A sua presença, ainda que mais discreta, busca objetivos idênticos — a dissuasão e a eventual penalização do comportamento indesejado. Ao contrário do que acontece no filme, onde a vigilância está centralizada pelo poder político, em muitos casos esta é detida por interesses privados. Londres, curiosamente o palco da acção de *Nineteen-eighty four*, é atualmente a cidade mais vigiada do mundo ocidental, com um rácio de 67 câmaras por cada 1000 habitantes, ocupando o terceiro lugar de um *top ten* global partilhado com oito cidades da China e uma da Índia (Bischoff, 2021).

Para além da vigilância feita de forma aberta por estes dispositivos fixos análogos ao *telescreen*, é importante refletir sobre o papel dos dispositivos móveis, os quais em alguns aspetos também lhe podem

ser equiparados — os *smartphones*. Pela sua natureza multifuncional e pela sua ubiquidade, estes podem ser utilizados para fins de vigilância de inúmeras formas. Voluntária ou involuntariamente, de forma legal ou ilegal, para além da recolha de som e imagem estes podem revelar a posição geográfica de um indivíduo, com quem este contacta, para além de uma pletera de outras informações privadas (Brown, 2015; EPW Engage, 2021). As grandes corporações tecnológicas, muitas vezes sem o conhecimento dos utilizadores, recolhem, armazenam e partilham essas informações com outras empresas ou entidades governamentais. (Lightfoot & Wisniewski, 2014). Isto leva-nos a refletir acerca de quem serão efetivamente os utilizadores destes dispositivos, já que, pelo menos em parte, estes estão ao serviço de interesses terceiros, numa dinâmica em que se confunde produto e consumidor. A integração de tecnologias de recolha e partilha de dados acontece de forma tão recorrente que se torna quase impossível não fazer parte dessa realidade³.

A intrusão tecnológica na privacidade individual, feita de forma cada vez mais assumida, tem vindo a ser justificada pelas políticas de luta contra o terrorismo, banalizando a perda de privacidade e aproximando-nos gradualmente do universo representado no filme. A conjugação dos sistemas de televigilância com as tecnologias de reconhecimento facial torna cada vez mais ilusória a noção de privacidade — a pegada digital passa a ser também uma realidade do mundo físico.

Nesse sentido, podemos perceber que os meios necessários a um estado de vigilância total, semelhante ao que conceptualizou Orwell, estão cada vez mais presentes no quotidiano.

Totalitarismo e globalização

O regime representado no filme evidencia muitos dos traços que Arendt (2011) utilizou na sua conceção de totalitarismo. Fica evidente, contudo, que se trata de uma revolução incompleta, que o estado idealizado pelo partido ainda está em processo de evolução. Um dos pilares desse estado ideal seria o controlo da linguagem, o qual visava o controlo do próprio pensamento. *Oceanea* é um estado totalitário rumo a um futuro sem liberdade e sem memória, onde deixaria de ser possível a articulação de qualquer ideia contrária ao regime.

Digno do adjetivo “*orwelliano*”, o regime chinês é, na contemporaneidade, o exemplo mais próximo do universo totalitário descrito por Orwell. Nas grandes cidades da China, através da televigilância, os cidadãos são amplamente monitorizados e identificados por sistemas de inteligência artificial, naquele que poderá ser considerado o mais abrangente e invasivo projeto de controlo social do mundo. Nestes ambientes, comportamentos indesejados são prontamente identificados e objeto de punição. Estas medidas são defendidas e justificadas pelo governo como necessárias no combate aos “três males”: separatismo, terrorismo e extremismo. (Campbell, 2019) No mundo ocidental democrático, a ausência de perseguição política e repressão policial violenta dos dissidentes não significa que outros sinais de totalitarismo devam ser ignorados. Será porventura um dos legados desta obra de Orwell a ideia de que o estado totalitário surge de forma gradual. O receio de que a tecnologia pudesse vir a ser o meio utilizado para alcançar o controlo total também se revela bastante oportuno. Mosco (2018) nota que, ao passo que a convergência de tecnologias oferece muitas oportunidades para expandir a democracia, atualmente esta é principalmente utilizada para a combater, o que se traduz não só na expansão do estado de vigilância mas também do capitalismo de vigilância.

2 Deleuze e Guattari partilham da mesma opinião de Lévy: “O virtual não se opõe ao real, mas somente ao atual. O virtual possui uma plena realidade enquanto virtual. Do virtual, é preciso dizer exatamente o que Proust dizia dos estados de ressonância: «Reais sem serem atuais, ideais sem serem abstratos», e simbólicos sem serem fictícios. O virtual deve ser entendido como uma estrita parte do objeto real — como se o objeto tivesse uma de suas partes no virtual e aí mergulhasse como numa dimensão objetiva” (Deleuze e Guattari, 1993).

3 Relembramos que foi recentemente noticiado que vários serviços online do governo português estavam a partilhar dados de navegação dos utentes com a Google (Simões, 2021).

“(…) social media sites like Facebook and Google vastly expand the power of propaganda, fake news, echo chambers, filter bubbles (...) and mass surveillance. Elites building regimes that aim for total control now have an unprecedented array of tools to influence citizens.” (Mosco, 2018, p. xvii)

Na contemporaneidade, fruto da globalização, o *Big Brother* por detrás dos ecrãs parece ser consubstanciado pelo poder económico. Podemos mesmo referir-nos a uma hegemonia⁴ global baseada em corporações multinacionais à escala global. Çoban (2018) realça que para observar os média com sentido crítico é necessário ter em conta a infraestrutura económica e as abordagens ao nível da ideologia e da hegemonia que daí derivam, pois estes são meios detidos pelo capital e o capitalismo coloca sempre acima de tudo os interesses da classe dominante.

Renomado artista chinês, Ai Weiwei, diversas vezes alvo de perseguição política no seu país, pela sua postura crítica a respeito das políticas do governo, conhece de facto a opressão do totalitarismo chinês. Referindo-se à situação política e social no seu país, acreditava em 2012 que as redes sociais iriam ser terreno fértil para a promoção da liberdade de expressão e protecção dos direitos civis (Andelman, 2012). Em entrevista mais recente, já em 2021, Weiwei reconhece que tal não será o caso, pois estas são controladas pelas grandes corporações que as detêm. “Clearly, they will allow what they like and not allow what they don’t like” (Weiwei, 2021).

Mesmo no Ocidente, os interesses corporativos sobrepõem-se aos valores democráticos. Nos últimos anos tem-se assistido a uma gradual valorização do chamado “politicamente correto”, a qual parece ganhar relevo em detrimento da liberdade de expressão. Certas ações de censura são atualmente aceites com ligeireza ou sem contestação de maior. É nas redes sociais que essas ações se manifestam com maior visibilidade, revelando a falácia das redes sociais enquanto mecanismo promotor da participação democrática na sociedade. Pelo contrário elas mais parecem instrumentos de manipulação ideológica determinadas a aproximar a sociedade democrática de novas formas de totalitarismo. “Essa aproximação está no controlo das palavras usadas, na recusa da liberdade de expressão, nas monitorizações dos discursos de ódio, nas censuras académicas, na queima de livros” (Fernandes, 2020). À semelhança do mundo de *Nineteen Eighty-four*, a propagação da ideologia dominante acontece a uma escala global, num mundo aparentemente dividido em blocos ideológicos que, no fundo, são semelhantes. A sociedade de consumo é uma realidade universal, estando presente até nos países ditos comunistas. Os média, tradicionalmente detidos pelos estados são agora dominados por grandes corporações transnacionais e refletem, em larga medida, os seus interesses (Artz, 2003).

Conclusões

O universo *orwelliano* reflete inquietações sociais e políticas de George Orwell, assim como o seu repúdio pelo socialismo totalitarista. Assim, *Nineteen Eighty-Four* mostra-nos um mundo sombrio e empobrecido, marcado por guerras intermináveis e pela sujeição das massas à tirania do poder. Um mundo onde a ciência e a tecnologia são canalizadas não para a produção e a riqueza, mas sim para a destruição e a miséria,

⁴ Hegemonia, no sentido proposto por Antonio Gramsci, implica uma relação de dominância e de subordinação entre o poder económico/capital e a classe trabalhadora, relação baseada no consentimento e não na repressão, pelo que o fator cultural é de extrema importância nessa equação. A hegemonia do capital sobre a sociedade é conseguida através da promoção da ideologia e dos valores que melhor a favorecem (Çoban, 2018).

onde a informação e a comunicação são utilizadas para promover a ignorância e o isolamento. O controlo absoluto sobre a aplicação da tecnologia traduziu-se em poder total para o regime.

Ao longo do artigo, observámos alguns paralelos com a sociedade contemporânea. A aplicação da tecnologia, particularmente das telecomunicações, tem vindo a modificar a forma como vivemos, moldando efetivamente a nossa realidade, num contínuo processo de mudança e adaptação. A quase ininterrupta presença dos ecrãs no nosso quotidiano ilustra bem essa realidade — a forma como interagimos com o mundo é, cada vez mais, mediada por um ecrã. O *smartphone* está a tornar-se uma necessidade geral, os seus benefícios são inegáveis.

Importa, ainda assim, estar alerta para os riscos inerentes a estes progressos. O *telescreen* de Orwell poderá já estar “instalado” nas nossas vidas. Os conteúdos que nos chegam pelas redes sociais já foram filtrados por algoritmos inteligentes, o que falamos ou digitamos poderá estar a ser armazenado e processado para fins incertos. A concentração dos média numa mão-cheia de corporações é um facto que não deve ser subestimado, pois estamos perante uma capacidade de influenciar e manipular sem precedentes. Os objetivos económicos destas corporações transnacionais conflitam com as necessidades sociais e culturais das comunidades. Através do controlo global dos *mass media* estas corporações dominam o discurso público, através do qual promovem os ideais e valores que se traduzem na hegemonia cultural que caracteriza a sociedade contemporânea, baseada no individualismo e no consumismo — a hegemonia capitalista (Artz, 2003).

Orwell mostra-nos como a tecnologia poderia ser aproveitada por um regime totalitário para controlar e oprimir uma sociedade. Na era em que vivemos, marcada pela acelerada evolução tecnológica (Virilio, 2000), importa manter esta problemática em cima da mesa, com vista à reflexão em si mesma e à promoção de uma sociedade mais justa e equilibrada. O cenário apresentado em *Nineteen Eighty-four*, apesar de sombrio, não é apocalíptico, e convida-nos a essa reflexão.

BIBLIOGRAFIA

- Andelman, D. (2012). The art of dissent: A chat with Ai Weiwei. *World Policy Journal*, 29(3), 15-21. <https://doi.org/10.1177/0740277512461198>
- Arendt, H. (2011). Totalitarismo. *Revista Inquietude*, 2(2), 229-237. Retrieved from <https://inquietude.xanta.org/index.php/revista/article/view/116>
- Artz, L. (2003). The globalization of corporate media hegemony [PDF]. Retrieved from [https://www.academia.edu/download/64308999/Artz%20%20%20Kamalipour%20-%20The%20Globalization%20of%20Corporate%20Media%20Hegemony%20\(2003\).PDF#page=14](https://www.academia.edu/download/64308999/Artz%20%20%20Kamalipour%20-%20The%20Globalization%20of%20Corporate%20Media%20Hegemony%20(2003).PDF#page=14)
- Baehr, P. (2010). *Hannah Arendt, totalitarianism, and the social sciences* [PDF]. Retrieved from https://www.researchgate.net/publication/42836979_Hannah_Arendt_Totalitarianism_and_the_Social_Sciences
- Baudrillard, J. (1997). *Tela total: Mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre, Brasil: Sulina.
- Bentham, J. (1995). *The panopticon writings*. London, England: Verso Books.
- Bischoff, P. (2021). Surveillance camera statistics: Which city has the most cctv cameras? Retrieved from <https://www.comparitech.com/vpn-privacy/the-worlds-most-surveilled-cities/>
- Brown, I. (2015). Social media surveillance. *The International Encyclopedia of Digital Communication and Society*. <https://doi.org/10.1002/9781118767771.wbiedcs122>
- Campbell, C. (2019). ‘The entire system is designed to suppress us.’ What the chinese surveillance state means for the rest of the world. *Time*. Retrieved from <https://time.com/5735411/china-surveillance-privacy-issues/>
- Castells, M. & Cardoso, G. (2006). *A sociedade em rede: Do conhecimento à acção política*. Retrieved from <https://www.researchgate.net/publication/301788806>
- Çoban, S. (2018). *Media, Ideology and Hegemony* [PDF]. https://doi.org/10.1163/9789004364417_007
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1993). *O Que é a Filosofia?*. Editora 34.
- EPW Engage. (2021). Privacy and manipulation: How social media has affected political discourse. *Economic & Political Weekly*, 56(4). Retrieved from <https://www.epw.in/node/157893/pdf>
- Fernandes, P. (2020). Os novos totalitarismos. *Observador*. Retrieved from <https://observador.pt/opiniaos/os-novos-totalitarismos/>

- Gama, M. (2009). Da censura à autocensura no Estado Novo. *LX Colóquio de Outono: censura e inter/dito-censorship and interdiction*, 225-234. Retrieved from http://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/27711/1/IX_Col%3b3quio_de_Outono.pdf
- Joseph, J. E. (2000). Orwell on language and politics. *Edinburgh working papers in applied linguistics* (10):52-60. Retrieved from <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED453667.pdf>
- Lemos, A. (2005). Cibercultura e mobilidade: A era da conexão. *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Retrieved from <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/140429770509861442583267950533057946044.pdf>
- Lévy, P. (1995). *O que é o virtual?* Editora 34.
- Lightfoot, G. & Wisniewski, T. P. (2014). Information asymmetry and power in a surveillance society. *Information and Organization*, 24(4), 214-235. <https://doi.org/10.1016/j.infoandorg.2014.09.001>
- Mosco, V. (2018). Prefácio em S. Çoban (Ed.), *Media, ideology and hegemony* (pp. vii-viii). Retrieved from <https://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=eJjyDwAAQBA-J&oi=fnd&pg=PA90&ots=cEEVv90NdT&sig=yuVPVBtO4j1fHgw2TKjydzEZY>
- Orwell, G. (2002). *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*. Público Comunicação Social.
- Posner, R. A. (1999). Orwell versus Huxley: economics, technology, privacy, and satire. *Chicago Working Paper in Law and Economics*, 89. Retrieved from http://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1355&context=law_and_economics
- Radford, M. (1984). *Nineteen Eighty-Four*. MGM
- Sabl, A. (2015). George Orwell (1903-50). *The Encyclopedia of Political Thought, First Edition*. Retrieved from <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781118474396.wbep10736>
- Silva, B. (2010). *A máquina encravada: A questão do tempo nas relações entre cinema, banda desenhada e contemporaneidade*. Novembro.
- Simões, S. (2021, 24 Junho). Sites do SNS partilham dados de tráfego dos utentes com a Google. *Observador*. Retrieved from <https://observador.pt/2021/06/24/sites-do-sns-partilham-dados-de-trafego-dos-utentes-com-a-google/>
- Virilio, P. (2000). *A velocidade de libertação*. Relógio d'Água
- Weiwei, A. (2021). Lego is no different from Rembrandt or Van Gogh's paint / entrevistado por: Kevin Perry. *Independent*. Retrieved from <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/art/features/ai-weiwei-interview-art-b1847008.html>
- Yeo, M. (2010). Propaganda and surveillance in George Orwell's Nineteen Eighty-four: Two sides of the same coin. *Global Media Journal — Canadian Edition*, 3 (2), 49-66. Retrieved from https://www.researchgate.net/publication/49596464_Propaganda_and_Surveillance_in_George_Orwell%27s_Nineteen_Eighty-Four_Two_Sides_of_the_Same_Coin

SOBRE OS AUTORES

Adriano Cristóvão é aluno de licenciatura do curso de Ciências da Comunicação.

Bruno Mendes da Silva é pós-doutorado em Comunicação, Cultura e Artes pela Universidade do Algarve (UAAlg), doutorado em Literatura e Cinema pela UAAlg, pós-graduado em Gestão das Artes pelo Instituto de Estudos Europeus de Macau (IEEM) e licenciado em Cinema e Vídeo pela Escola Superior Artística do Porto (ESAP).

É Vice-coordenador do Centro de Investigação em Artes e Comunicação e Coordenador da Área de Ciências da Comunicação da Escola Superior de Educação e Comunicação (ESEC) da UAAlg. Professor convidado na Saint Joseph University of Macau. Foi realizador e produtor da Teledifusão de Macau (TDM) entre 1995 e 2000 e tem vindo a ser convidado em vários festivais internacionais de vídeo, média-arte digital e cinema como o FRESH (Tailândia), o Dokanema (Moçambique), o Loop (Espanha), o Festival de La Imagen e o Ecológicas Digitales (Colômbia), The Script Road (China) e o FILE (Brasil).

Participou em dezoito (18) projetos científicos (como investigador responsável ou membro investigador) e é autor de vários livros, capítulos de livros e outras publicações científicas (mais de 70). Conta com várias orientações de teses de doutoramento e mestrado concluídas. É Diretor da Rotura — Revista de Comunicação, Cultura e Artes. Membro da equipa vencedora do Prémio científico Ceratonia 2008.